

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Fevereiro de 1926

N.º 14

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor - director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores - auxiliares:

Prof. Dr. José Veiga
Alduino Estrada

SUMMARIO:

A "REVISTA ESCOLAR."

LIÇÕES PRATICAS: 1 — Linguagem. 2 — Arithmetica. 3 — Geographia. 4 — Historia do Brasil. 5 — Instrucção moral e civica. 6 — Physica. 7 — Hygiene. 8 — Zoologia.

PEDOLOGIA: 1 — Evolução psychica da criança. 2 — A imaginação e suas variedades na criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — Os oleos. 2 — As agulhas. 3 — O pirarucú. 4 — Os phosphoros. 5 — A cabra. 6 — O tempo. 7 — A imprensa. 8 — A pesca.

QUESTÕES GERAES: 1 — Palestras sobre ensino. 2 — Trabalho manual. 3 — Uma instituição util. 4 — A lingua vernacula. 5 — Importancia do brinquedo nas escolas.

LITERATURA INFANTIL: 1 — A boa lição. 2 — O rio. 3 — Uma lição. 4 — Não façam a outrem. 5 — A arvore. 6 — Porque! 7 — Uma historia. 8 — Os gatos. 9 — O jardim da vovó. 10 — Contentem-se com sua sorte. 11 — "Festa da Bandeira."

METHODOLOGIA: 1 — Processo educativo.

EDUCAÇÃO PHYSICA: 1 — Jógos escolares.

O "FOLK-LORE" NAS ESCOLAS: 1 — A lenda da mandioca. 2 — O jógo do bicho. 3 — A opinião do mestre. 4 — Adivinhas. 5 — Tróvas, brocardos e aphorismos.

ESCOTISMO.

VULTOS E FACTOS: 1 — Rosalina Coelho Lisboa.

MUSICAS E CANTOS ESCOLARES: 1 — Mentirinhas.

INSTRUCCÃO PUBLICA.

SECRETARIA DO INTERIOR: 1 — Actos diversos.

INDICE.

S. PAULO - Brasil

1926

ARITHMETICA

JUROS

Os problemas de juros prestam-se admiravelmente ao calculo mental, não só pelo seu valor pratico, como pela grande variedade de exercicios que offerecem.

Nesta primeira lição de juros os termos taxa, tempo, principal, porcentagem, não precisam sêr empregados. Os alumnos não deverão perceber que estão aprendendo coisa nova.

Professor. — Temos resolvido problemas sobre aluguel de casas, de chacaras, de cavallos, de automoveis etc. Será que poderemos alugar tambem dinheiro, pagar pelo seu uso?

Alumno. — (?)

P. — Podemos, sim. Mas, vejamos bem: *qualquer pessoa* pôde alugar dinheiro de outra?

A. — Eu penso que qualquer pessoa não pôde.

P. — Porque?

P. — Porque algumas pessoas são capazes de não restituir outra vez o dinheiro. Nem todos são honestos...

P. — Respondeu muito bem. Mas, as pessoas honestas pagam sempre o que tomam emprestado?

A. — Sempre que pôdem.

P. — Sim; nem toda a pessoa honesta pôde pagar o dinheiro emprestado. Que é preciso então saber, ter certeza, antes de emprestar dinheiro a outrem?

A. — Eu penso que precisamos saber não sómente si a pessoa é honesta, mas si tem com o que pagar.

P. — Mas, porque precisará essa pessoa dum emprestimo, si ella tem com o que pagar?

A. — Ah! ... mas pôde sêr que não o tenha na occasião.

P. — Que poderá a pessoa possuir que corresponda ao dinheiro emprestado?

A. — Terrenos.

A. — Casas.

P. — Muito bem. Supponhamos que o Sr. Barros obteve um emprestimo de 600\$000 e ficou com esse dinheiro um anno. No fim do anno terá elle de pagar só os 600\$, ou mais?

A. — Terá que pagar mais.

P. — Porque?

A. — (?)

P. — Precisa pagar mais, pelo emprestimo, pelo uso, pelo aluguel do dinheiro.

A. — E' mesmo! ... assim como se paga pelo uso, pelo aluguel duma casa, dum automovel, dum cavallo etc.

P. — E, si elle recebesse essa quantia por 5 annos, teria que esperar até ao fim desse tempo para entrar com algum dinheiro?

A. — Penso que precisava pagar o aluguel todos os annos, como se paga o aluguel mensal duma casa.

P. — Sim... conforme a combinação feita... Si o Sr. Barros recebesse 100\$000 emprestados por um anno, e pagasse 6\$000 pelo seu uso, quanto teria de pagar pelo emprestimo de 200\$?

A. — O dobro: 12\$000.

P. — E por 300\$000?

A. — Dezoito mil réis.

(Aqui, o professor dará varios exercicios.)

P. — Si eu pagar 30\$000 pelo emprestimo duma quantia durante 1 anno, quanto deverei pagar pela mesma quantia, durante 2 annos?

A. — O dobro: 60\$000.

P. — Quanto devo pagar pela mesma quantia durante 6 mezes?

A. — A metade: 15\$000.

(Varios exemplos com annos, mezes etc.)

P. — Si eu emprestar dinheiro a alguém e receber 20\$ dessa pessoa, durante 1 anno, por quanto tempo preciso emprestar a mesma quantia para me render 40\$000?

A. — Dois annos.

P. — E em quanto tempo receberei 80\$000?

A. — Em 4 annos.

(Variedade de exemplos analogos.)

P. — Vão vendo o que eu escrevo no quadro-negro:

- 1) Por 100\$000, em 1 anno, pago 8\$000.
- 2) Por 200\$, em 1 anno, pago ?
- 3) Por 500\$, em 1 anno, pago ?
- 4) Por 800\$, em 1 anno, pago ?

Paulo vae escrever a resposta do 2.º problema.

A. — (Apaga a interrogação e escreve 16\$000.)

P. — Antonio, escreva a do 3.º problema.

A. — (Apaga o signal e escreve 40\$000.)

P. — Felicio, escreva a do 4.º problema.

A. — (Apaga o signal e escreve 64\$000.)

P. — Continúem a acompanhar-me no quadro-negro.

- 1) Por 100\$, em 1 anno, pago 8\$000.
- 2) Por ? em 1 anno, pago 16\$000.
- 3) Por ? em 1 anno, pago 40\$000.
- 4) Por ? em 1 anno, pago 64\$000.

Diga-me, Alberto, o que está faltando aqui, na 2.ª linha?

A. — Faltam os 200\$000.

P. — Como sabe?

A. — Si 100\$000 emprestados, por 1 anno, rendem 8\$000, que quantia poderá sêr emprestada para render 16\$000?

E' o dobro: 200\$000.

(Do mesmo modo serão raciocinados os outros exemplos.)

P. — Vou ainda escrever:

- 1) Por 500\$, em 1 anno, pago 40\$000.
- 2) Por 500\$, em 3 annos, pago ?
- 3) Por 500\$, em 7 annos, pago ?
- 4) Por 500\$, em 10 annos, pago ?

A. — Em 3 annos, pagará 3 vezes mais. (Escreve.) 120\$.

A. — Em 7 annos, pagará 7 vezes mais. (Escreve.) 280\$.

A. — Em 10 annos, pagará 10 vezes mais. (Escreve.) 400\$.

P. — Agora, vejam o que eu vou escrever:

- 1) Por 500\$, em 1 anno, pago 40\$000.
- 2) Por 500\$, em ? pago 120\$000.
- 3) Por 500\$, em ? pago 280\$000.
- 4) Por 500\$, em ? pago 400\$000.

Como saberemos o que collocar aqui? (Mostra a columna do tempo.)

A. — O aluguel, em um anno, é de 40\$000; para os mesmos 500\$ renderem 120\$, precisam estar emprestados 3 vezes mais tempo, 3 annos.

P. — Porque?

A. — Porque 120\$ são 3 vezes 40\$.

(Egualmente será achado o tempo, nos outros problemas.)

P. — Ainda vou escrever:

- 1) Por 100\$, em 1 anno, pago 5\$000.
- 2) Por 400\$, em 1 anno, pago ?
- 3) Por 400\$, em 2 annos, pago ?
- 4) Por 800\$, em 5 annos, pago ?

Venha, Carlos, escrever a resposta ao 2.º problema.

A. — (Escrevendo.) Quatro vezes mais: 20\$000.

P. — Eduardo póde escrever a do 3.º

A. — (Escrevendo.) Quatro centos mil réis, em dois annos, darão o dobro de 1 anno: 40\$000.

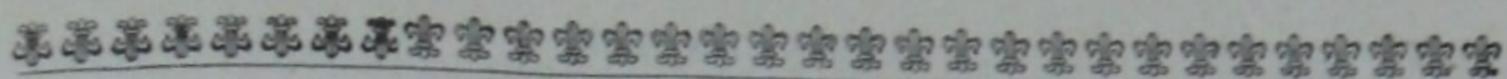
P. — Venha, Benedicto, escrever a do 4.º

A. — Oitocentos mil réis, em 1 anno, dariam 40\$000; e em 5 annos, 5 vezes mais. (Escreve.) 200\$000.

P. — Agora, escrevo outros problemas mui faceis:

- 1) Por 100\$, em 1 anno pago 5\$000.
- 2) Por 400\$, em ? pago 20\$000.
- 3) Por 400\$, em ? pago 40\$000.
- 4) Por 800\$, em ? pago 200\$000.

(Os alumnos acharão, com facilidade, o tempo.)



PEDOLOGIA

EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(HENRI BOUQUET. — Trad.)

(*Continuação*)

2 — A LINGUAGEM

A linguagem articulada, que é talvez a mais importante aquisição do homem, é precedida na criança pela linguagem mimica e por gritos que representam uma modificação lenta e complicada da linguagem.

A criança põe em jogo a linguagem mimica simultaneamente com os gritos que a precederam. É por meio dessa linguagem que ella manifesta suas primeiras alegrias, seus primeiros prazeres, seus primeiros desejos. Os braços, as pernas concorrem para essa mimica que tão bem exprime as differentes sensações experimentadas pelo recém-nascido. Sua agitação alegre e seus movimentos desordenados acompanham o riso e as lagrimas que são o seu indispensavel complemento, e o movimento dos braços extendidos para o objecto desejado é a manifestação dos seus primeiros esforços. A principio, quando a criança ainda não sabe coordenar sufficientemente seus movimentos para applical-os de conformidade com as suas diversas emoções, os olhos são sobretudo a séde da mimica necessaria, e é sabido que, na criancinha, os olhos bem abertos exprimem a alegria e o bem-estar, emquanto que a contracção dos supercilios nellas accusa o medo, a ansiedade, as desillusões ou a colera.

Reflexos automaticos, espontaneos, conscientes, taes são os graus qualitativos que Perez reconhece nos gritos da criança. Reportando-nos ao que acima dissemos, veremos que é exactamente a progressão das qualidades que attribuímos aos movimentos. Não voltaremos a tratar dos gritos reflexos ou automaticos; já

temos falado sufficientemente destas manifestações e sua analogia com os movimentos.

Os gritos espontaneos só têm uma semelhança: não se applicam a nenhum sentimento bem definido. Não representam uma linguagem, mas constituem o que chamamos o balbuciar da criança. Pelo que se observa da calma e contentamento da criança, pôde-se inferir que esses sons emittidos são a expressão de sensações agradaveis; entretanto, pôde-se egualmente perguntar si não serão os mesmos gritos a causa desse bem-estar, pois parece que a criança se diverte e tem prazer em emittil-os. Seja como fôr, o certo é que a criança não tarda a differenciar nesse conjunto uma série de gritos que ella repete de boa vontade e que lhe parecem mais particularmente agradaveis. Esta escolha é além disso muito differente para cada criança, mas commum a todas. Desde que a criança encontre um brinquedo sonoro que lhe cause um prazer maior que os precedentes, ella abandona os outros, até que um novo som se torne por sua vez o preferido. Eis ahí o que distingue os gritos espontaneos e escolhidos dos primeiros gritos inconscientes; ahí começa, não ha duvidá, um esboço de linguagem pessoal, porque a criança chega rapidamente a applicar os sons que lhe são agradaveis ás sensações que mais a impressionam.

Este esboço de linguagem não resistirá durante os periodos seguintes ou pelo menos se modificará pela aquisição de novos sons que chegarão pouco a pouco á linguagem verdadeira, que é sobretudo uma imitação.

Que a imitação representa o principal papel nesta educação da linguagem, ninguém pôde duvidar. Para próva ahí estão numerosas experiencias e numerosos factos de observações quotidianas.

Experiencias completas no homem não têm sido tentadas, que o saibamos, porém é conhecido o seu resultado em animaes e notadamente nos passaros. Estes, conservados em gaiolas, longe de qualquer passaro da sua especie, não adquirem o canto que é peculiar a essa especie. Elles têm um canto particular, muito menos rico, pois não conhecem a successão de sons que distingue o canto dos passaros seus congeneres. Pôde-se

ainda tirar um argumento do mesmo genero do facto das crianças sequestradas desde os seus primeiros annos não possuirem uma linguagem desenvolvida; assim tambem os adultos nas mesmas condições de isolamento parecem esquecer pouco a pouco o que conheciam da linguagem corrente.

(Continúa.)

A IMAGINAÇÃO E SUAS VARIÉDADES NA CRIANÇA

(F. QUEIRAT. — Trad.)

CAPITULO IV

O TYPO VISUAL

(Continuação)

Entre as pessoas do typo de que tratamos, a intelligencia, propriamente dita, é alimentada pelas mesmas imagens. "As crianças habituadas ao calculo mental escrevem mentalmente com o giz, num quadro imaginario, com os numeros indicados, com todas as operações parciaes, com a somma final, como si estivessem vendo interiormente as diversas linhas de caracteres brancos que acabam de traçar. O jovem Colburn, que nunca frequentou a escola e não sabia lêr nem escrever, dizia que para fazer seus calculos elle *os via claramente deante delle*. Um outro declarava que *via os numeros sobre os quaes operava como si estivessem escritos numa ardosia*. Egualmente, encontram-se jogadores de xadrez que com os olhos fechados e a face voltada para uma parede, dirigem uma partida . . . E' claro que a cada jogo a figura do taboleiro com a ordem das diversas peças lhes está presente como num espelho interior, sem o que elles não poderiam prevêr o jogo que vão dirigir. Dois amigos que tinham esta faculdade faziam muitas vezes juntos partidas mentaes de xadrez, passeando pelas ruas. Um inglez, Paul Morphy, jogava mesmo oito partidas ao mesmo tempo; um outro, Paulsens, jogava até vinte partidas. Galton conta que uma pessoa do seu conhecimento serve-se habitualmente para contar, duma regra de calculo imaginario por meio da qual lê mentalmente a parte que lhe é necessaria para cada operação.

Resulta do que precede que, na *linguagem interior* dessas pessoas, são as imagens visuaes das palavras (*escritura interior*)

TRABALHO MANUAL

I

ESBOÇO HISTÓRICO

De conformidade com os dados que se deduzem da história religiosa, durante o período da Reforma, as primeiras idéas do trabalho manual foram emitidas pelo monge agostinho — Martinho Lutero — a quem devemos também os passos iniciais da cultura corporea ao mesmo tempo em que desenvolve o espirito. Coube, pois, ao reformador allemão a primazia de suggerir a idéa das occupaões manuaes, como factor educativo, para as crianças escolares.

Não foi “*vox clamantis in deserto*” a de Lutero; a sua opinião foi acolhida pelos homens illustres de seu tempo. Assim, Rabelais considerava o trabalho manual indispensavel á educação das crianças, e Montaigne o recommendava com insistencia. E o celebre pedagogista — Comenius — reputando-o como elemento de grande alcance educativo, era adepto fervoroso do ensino das artes, da pratica de profissões e do exercicio de occupaões manuaes.

“A escola, dizia Comenius, deve preparar o homem para a vida”; este preparo, porém só se consegue praticando o que se deseja saber: “aprendemos a fazer fazendo,” repetia elle.

Declarava Locke, illustre philosopho inglez, que o homem deve conhecer uma profissão util a si proprio e á sociedade em que vive; e, precisando o seu pensamento, dizia: “si o homem vive no campo, deve dar preferencia aos trabalhos agricolas.”

Effectivando as idéas correntes no seculo, Francke e Simler introduziram nas escolas a pratica do desenho, da carpintaria e da horticultura; o conhecimento dos seus resultados não chegou até ao seculo actual. Com elles, porém, começa o trabalho manual a figurar entre as disciplinas escolares.

Saindo da incerteza em que se achava, propria das idéas ainda não praticadas, o trabalho manual iniciou o seu desenvolvimento, no seculo XVIII, produzindo algo de aproveitavel;

o simples pensamento converte-se em realidade. Já não se critica tão sómente a escola antiga: o exame dos factos merece a atenção dos estudiosos.

Um raio de luz — a educação dos sentidos — penetra na escola, illuminando os mestres. E' Rousseau — cujo talento estava no seu coração — conduzindo o seu discipulo aos Alpes para contemplar a natureza que desperta; é Rousseau que, estudando as injustiças da idade medieval, proclama, no dizer de Noël, "o poder da pobreza"; é, finalmente, Rousseau, que desejava para o seu Emilio o martelo, a lima e outras ferramentas de uso commum. "Um officio para Emilio, dizta elle, um officio para Emilio. Fazendo-o operario, eu o farei philosopho."

O immortal autor do "Robinson Cruzoé," cuja narrativa são exemplos edificantes de quanto póde o esforço pessoal, demonstrou claramente a real importancia do trabalho manual alliado á destreza, á coragem, á observação e ao espirito de iniciativa. E assim, o naufrago se tornou senhor da ilha mysteriosa, perdida na immensidade do oceano...

Contribuíram para o desenvolvimento do trabalho manual dois illustres estudiosos — Basedow e Dessau — que não pouparam esforços para collocar-o ao lado da gymnastica. E mais tarde, o pae da pedagogia moderna — Pestalozzi — adoptou o trabalho agricola na escola popular. "A cultura elementar, escrevia elle, exige a harmonia do desenvolvimento das faculdades. Cada uma se desenvolve com o exercicio que lhe é proprio: o coração se desenvolve amando; o espirito pensando, e a mão trabalhando."

Confirmando a sua opinião a respeito do trabalho manual, expõe o plano para a manutenção do Instituto das crianças pobres. Promettia "fazer esforços para educar as crianças abandonadas, ensinando-as a lêr, escrever e contar; ministrar-lhes conhecimentos relativos a pequenas culturas com cujos productos seriam adquiridos o material para alimental-as e vestil-as."

Fröebel — benemerito da infancia — não só tinha idéas semelhantes ás de Pestalozzi, como tambem foi a sua vida "um

campo de batalha;" alargou o horizonte da escola, imprimindo-lhe uma orientação segura. O trabalho manual é definitivamente incluído no programma didactico.

"Todos nós observamos diariamente, escrevia Fröebel, o prazer que sentem as crianças quando lhes cáem na mão algumas pedras de dominó ou algumas cartas de baralho, não para usal-os no jogo propriamente dito, mas para construir casas, armar torres e fazer soldadinhos. Si pilham um jornal, logo o transformam em barquinho, em chapéo de soldado ou em muitas outras coisas. Não raro pedem á ama uma porção de massa para dar-lhe fórmias que estão longe do objecto que tentam representar."

E, devido ao exame destes factos, o trabalho manual foi considerado disciplina escolar, obrigatoria, ao lado dos exercicios gymnasticos. A theoria froebeliana se impöz, portanto, modificando profundamente o caracter da escola antiga, instructiva, para transformal-a em escola educativa.

Concluído este pequeno estudo, feito a largos traços, sobre o trabalho manual nas escolas elementares, vamos tentar um esboço sobre a sua adopção nalguns paizes estrangeiros... e no Brasil.

O paiz que primeiro adoptou o trabalho manual, segundo as notas historicas, foi a Finlandia cujo povo mantem bem alto o sentimento de sua nacionalidade. Essa disciplina tem por fim, naquella terra, desenvolver a habilidade manual mediante o emprego de ferramentas apropriadas. Dois nomes podemos citar — Uno Cygnacus e Vera Hielt — como fundadores da escola do trabalho.

A grande maxima de Pestalozzi — "educar pelo trabalho e para o trabalho" — encontrou franco e decidido apoio na Suecia. O trabalho manual, adoptado com o fim de desenvolver as pequenas industrias domesticas, a principio, devido aos esforços de Oto Salomon, o seu fim se tornou, mais tarde, exclusivamente educativo. Dahi a origem do "slöjd" no celebre seminario de Nääs aonde, todos os annos, se dirigem professores estrangeiros e entre os que já o frequentaram, podemos

apontar um nome — José P. Frazão — membro do magisterio brasileiro.

As primeiras cogitações sobre o trabalho manual, na Dinamarca, devem-se a Clanson Haas e Mikkelsen, optando o primeiro pelo fim economico e o segundo pelo fim educativo. Destas duas correntes de idéas, sahiu vencedora a de Mikkelsen que installou o "Seminario do Slöjd" cujos resultados correspondem aos esforços do seu fundador.

A Allemanha é o paiz, parece, onde mais se discute a questão do trabalho manual. As primeiras idéas suggeridas por Götze e Biedermann deram origem a muitas polemicas das quaes, por certo, sairá o espirito de orientação no ensino.

Não faltam associações, auxiliadas pelo governo, e nem se pôde dizer que não existem iniciativas particulares. Associações, autoridades e particulares estudam o problema sob diversos aspectos: economico, industrial e educativo.

E' de justiça que, ao falar da Suissa, prestemos homenagem ao magisterio suizo. A elle cabe a honra de ter iniciado o movimento a favor do trabalho manual, assumindo um papel activissimo, ao passo que noutros paizes foram os philosophos que mantinham a batuta nas questões de ensino.

O magisterio suizo suggeriu o problema, levantou polemicas e sahiu vencedor. Na sua frente estava um professor — Samuel Rudin — que, sem favor algum, era uma das mais formosas intelligencias da Confederação Helvetica.

Seguindo os impulsos benevolos do seu coração, Rudin installou uma escola de trabalho, em Basiléa, cujo fim era altamente educativo, ou melhor, exclusivamente humanitario. Nella acolhia as crianças pobres que, não podendo continuar os estudos, vagueavam pelas ruas da cidade, longe do aconchego do lar materno.

Chegando, porém, ao seu conhecimento a discussão que se mantinha ao redor do trabalho manual, na Allemanha, entre a escola do capitão Clanson e a do doutor Salomon, foi áquelle paiz onde estudou as duas correntes de opiniões, frequentando as respectivas aulas. Voltando á patria, iniciou uma propaganda intelligente, effectuando conferencias e fazendo

demonstrações praticas do alto valor educativo do trabalho manual.

A França, a Austria e a Belgica encaram o problema mais pelo lado economico (principalmente o primeiro desses paizes) do que pelo lado educativo. Os professores parecem um tanto indecisos quanto aos resultados provaveis, e, porque não dizel-o? ainda não se aventuram ao estudo da questão. Aguardam a palavra dos sabios.

E no Brasil?

O trabalho manual está no inicio ainda. Sua literatura é mui pequena; alguns livros — quatro ou cinco — um ou outro artigo, escrito de longe em longe, e nada mais...

O espirito da disciplina, a orientação no ensino e a pratica do trabalho, com referencia ás populações ruraes, estão na phase inicial. Mas o problema do trabalho manual, no territorio paulista, já está em equação; a incognita será determinada dentro de pouco tempo.

D. VIZIOLI.

UMA INSTITUIÇÃO UTIL

Nada mais sublime, mais nobre e elevado do que amparar a infancia desvalida procurando tornal-a forte e, consequentemente, apta para enfrentar e superar todos os obstaculos da vida.

Sobre esta importante questão, já amplamente acoroçada e desenvolvida em muitos paizes da Europa e mesmo da America, nós ainda permanecemos bastante atrasados, em expectativas, pois, quasi nada fizemos em prol do magno problema que mais directamente affecta o futuro da patria brasileira.

De facto, é doloroso o quadro pungente que se desenrola nos centros populosos, especialmente nesta Capital, devido á falta de assistencia á infancia desvalida que, á mingua de recursos varios, chafurda no lamaçal de toda a sorte de vicios e paga com a vida os seus infortunios.